

QUARENTA ANOS DEPOIS

Quarenta Anos Depois Homenagem Aos Editores Da *Revista Letras*

Realizamos uma pesquisa na coleção dos quarenta números da *Revista Letras* a fim de estabelecer a cronologia e a identidade dos professores responsáveis pelas sucessivas edições do periódico ao longo dos anos. De posse das informações, enviamos correspondência aos ex-editores para recolher depoimentos que pudessem registrar a história da revista. Recebemos em troca valiosas contribuições que publicamos na íntegra neste número, acompanhadas da lista contendo o nome dos editores, período e números anuais sob sua responsabilidade.

Os depoimentos reproduzidos abrangem a origem e a continuidade da revista, as primeiras intenções, as dificuldades financeiras e o questionamento de sua função cultural. Retratam um pouco da trajetória constante, porém difícil, da *Revista Letras* nas últimas quatro décadas.

Tencionamos com esta iniciativa homenagear aqueles professores que, além das habituais tarefas de docência e pesquisa, dedicaram abnegadamente parcela representativa de seu tempo para manter um periódico dedicado exclusivamente à arte e à cultura.

A eles nosso reconhecido agradecimento e singela homenagem.

O EDITOR

Depoimento do Prof Dr. Reinaldo Bossmann

Em 1952, os professores do Curso de Letras da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - então distribuídos entre os Departamentos de Letras Clássicas, de Neolatinas e de Anglo-Germânicas - passaram a reunir-se quase mensalmente, com a participação de estudantes, para assistirem conferências de professores estrangeiros e da própria casa. Os temas foram diferentes, com conteúdo atual e histórico. Assim, foi criado em 1953, o Centro de Estudos Lingüísticos do Paraná. Nesse Circulo surgiu a idéia de publicação de uma revista anual com o título *Letras*, que comemora atualmente 40 anos de existência, data significativa e de júbilo para as gerações de mestres. O primeiro número da revista saiu no ano de 1953 com o apoio do então diretor da Faculdade, Prof. Dr. Homero Batista de Barros, que providenciou a verba necessária para a realização do plano. Ele escreveu o prefácio do 1º número e destacou entre outros itens os seguintes: "Dada a universalidade desta instituição, serão aqui acolhidos os artigos, das respectivas cadeiras, em língua estrangeira. Mas a revista destina-se também à guarda do idioma nacional, como instrumento mantenedor de nossas tradições. Nisso repousa uma das duas finalidades precípuas, ainda porque 'a inteireza do espírito começa por se caracterizar no escrúpulo da linguagem'. "E continua: "A ofensiva que, nos últimos tempos, se desencadeou contra as instituições tradicionais de nacionalidade, com desmas-carado propósito de aniquilá-la, quer através de atentados à família e aos valores do organismo social, quer contra o que há de mais venerável na Pátria, que é a Religião, não poupou, na sanha destruidora, estoutro precioso elemento da sociedade -a língua, que lhe reflete a história, a índole, as tendências, os costumes, a alma nacional."

Assim, o precursor da *Revista Letras* foi o Centro de Estudos Lingüísticos do Paraná.

Regularmente, quase todos os mestres do Curso de Letras assistiram às reuniões. Muitos dos colegas já são falecidos, como o eminente prof. Rosário Farani Guérios, o prof. Oswaldo Pinheiro dos Reis e o catedrático Dr. Luigi Castagnola; outros são eméritos e aposentados.

Desejamos à *Revista Letras* uma continuação secular, para que os futuros mestres desenvolvam trabalhos importantes, seguindo os caminhos de seus colegas fundadores, que se dedicaram à vida universitária, com orgulho e amor, apesar da remuneração modesta, no sentido do progresso do País e da ciência imortal.

Prof. Dr. Reinaldo Bossmann
Catedrático de Língua e Literatura Alemã
Professor Emérito

Depoimento do Prof. Oswaldo de Oliveira Portella

"EXEGI MONUMENTUM AERE PERENNIUS" (Horácio, *Ode XXX*)

Imbuído desse sentimento, Dr^a Marta, agradeço-lhe a lembrança de solicitar meu depoimento a respeito dos 40 anos da *Revista Letras*, tão querida de todos nós.

Devo inicialmente declarar que me sinto deveras orgulhoso de ter contribuído, mesmo que modestamente, na edição de quatro números de nossa *Revista Letras*. Hoje sei, como aliás já sabia, que trazer à luz uma revista científico-literária aqui no Brasil, por tanto tempo, é mais que um trabalho de Hércules. Não tanto pela falta de colaboradores mas, muito especialmente, pelas dificuldades financeiras que tal feito acarreta. Ao contrário, aos colegas devo agradecer a colaboração nunca negada. A falta de verba, entretanto, foi angustiada. Nunca se sabia se o próximo número seria possível. Dependeu sempre de sobras do orçamento da Universidade. Nas fases de maior carência, foi-nos sugerido suspender por um ano ou, ao menos, que utilizássemos material inferior (papel-jornal, por exemplo) para baratear o custo.

Em 1984, para efeito de diminuição de custos, confiamos a edição do nº 33 à gráfica da Fundação da Universidade Federal do Paraná. Não posso afirmar que essa edição foi mais econômica. A vantagem pode ter sido o dinheiro não precisar sair da Universidade.

De resto, creio devermos um grande protesto de agradecimento à Gráfica Vicentina Ltda. por seu trabalho correto, pontual e dentro dos menores orçamentos, o que possibilitou a vida de nossa *Revista Letras* até os dias de hoje.

Nos quatro números sob minha direção (32, 33, 34, 35), dentre tantos ótimos e assíduos colaboradores, destaco a contribuição do sempre lembrado e querido prof. Mansur Guérios que, com seu renome nacional e internacional, deu o suporte de credibilidade científica de que uma revista deste gênero jamais pode prescindir. Devo destacar ainda que foi na *Revista*

Letras que muitos professores, colegas nossos, com absoluta prioridade, encontraram o espaço adequado à publicação de suas pesquisas, podendo assim crescer literária e profissionalmente em proveito da educação e da cultura de nosso povo.

A par de meus agradecimentos, Dr^a Marta, desejo que a *Revista Letras*, sob sua direção não obstante lutas e canseiras, continue "ad multos annos" sua caminhada gloriosa de revista científico-literária mais antiga da mais antiga Universidade do Brasil.

Curitiba, 2 de junho de 1993
Prof. Oswaldo de Oliveira Portella

Depoimento do Prof. Dr. Édison José da Costa

Fui designado editor de *Letras* no ano de 1987. Tive assim a oportunidade de conduzir a edição do exemplar 36, referente àquele ano. Encerrado, todavia, o processo de produção com a entrega da revista à Seção de Intercâmbio da Biblioteca Central, para a remessa aos assinantes, apresentei à direção do SCHLA meu pedido de afastamento. Havia sido eleito para a coordenação do Curso de Pós-Graduação em Letras e acreditava, como acontece até hoje, que ao se evitar que um mesmo professor acumule funções se abre caminho para que maior número de docentes se integre produtivamente ao centro de condução da vida universitária, expandindo-o saudavelmente.

Diferentemente dos exemplares que a precederam, *Letras/36* deixou de abrigar textos de criação, destinando-se à veiculação exclusiva de ensaios críticos organizados em dois conjuntos especialmente distinguidos: Estudos Lingüísticos e Estudos Literários. Para cada um das áreas assim estabelecidas destinou-se um coordenador, retirado de entre os integrantes do conselho editorial.

Os ensaios críticos, compostos em português, francês, italiano, inglês ou alemão - línguas integrantes do currículo do Curso de Letras da UFPR, passaram a trazer resumo introdutório redigido em língua portuguesa, entendendo-se que a brasileiros, principalmente, deve procurar dirigir-se a produção científica nacional.

Mas para quem realmente escreve o professor universitário curitibano cujos trabalhos costumam sair em *Letras*? Não será exagero supor que apenas os pares, professores locais ou de outros centros, constituam o eventual público leitor do ensaio de lingüística ou literatura veiculado pela revista. Compor ensaios e artigos científicos, então, para quê? Como um ato de resistência, acredito, pois é em face do quadro cultural mais amplo que incentiva a transferência, a repetição e a subalternidade que se dimensiona mais apropriadamente o enclausuramento e a desvitalização da vida universitária. Estão aí visíveis, palpáveis o dismantelar contínuo da escola pública, o desmoronamento de todo um sistema educacional.

Seria impróprio, de qualquer forma, tentar reduzir o problema a aspectos restritos e elementares. O todo é naturalmente complexo. Produz-se muito texto de menor valor, certamente, tornando o quadro que se discute ambigualmente multifacetado. Mas quantos moços loiros foram necessários antes de se chegar a um dom casmurro, quantos sertanejos precisaram soltar a voz antes de Riobaldo?

Junho de 1993.
Édison José da Costa

Depoimento do Prof. João Alfredo Dal Bello

Contar a história da *Revista Letras* é também revisitar caminho andando por alguns teimosos. Ao menos essa foi a marca do nosso trajeto entre 1988 e 1990, quando em grandes dores foram paridos os números 37, 38 e 39.

Essa pertinácia estava ligada intimamente à convicção de que nossa revista tinha razão de ser por sua história progressa (consta-me ser a mais antiga do gênero, no país) e pela insistente procura tanto da parte de colaboradores como de leitores aqui e fora do Brasil. Este era o aspecto alentador do trabalho; o reverso ficava por conta da crônica falta de recursos. A cada novo número um outro enfrentamento de ordem financeira. Se chegávamos ao montante exigido pelas gráficas, certamente faltaria numerário para a franquia postal.

Foi nessa quadra que deixamos de contar com apoio financeiro do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Então os dois departamentos do Curso de Letras - Lingüística, Letras Clássicas e Vernáculas e Letras Estrangeiras Modernas - passaram a destinar parte de seus minguados recursos para *Letras*.

Em 1987, a *Revista Letras* passou por uma transformação que ainda se mantém. Dividiu-se em duas áreas: estudos lingüísticos e estudos literários, e excluiu de suas páginas a publicação de textos literários, limitando-se a estudos críticos. Reuniu para o número 37 trabalhos agrupados ao tema sugerido: Literatura e História. No número 38 (1989), para encerrar a década, os colaboradores trataram temas ligados à literatura dos anos oitenta e outros que refletiram a trajetória lingüística mais recente.

O último número sob nossa responsabilidade, 39 (1990), surgiu com novas características editoriais e gráficas e foi publicado pela Editora da UFPR, inaugurando nova marca da política editorial da instituição.

É muito prazeroso voltar os olhos para constatar que *Letras* vai fazendo seu caminho enquanto avança a despeito de tantos percalços. Um brinde à *Revista Letras* por suas quatro décadas e a todos os teimosos que a trouxeram até aqui e, certamente, vão levá-la a ver outras muitas.

João Alfredo Dal Bello

Editores Da *Revista Letras*

Número	Data	Editor
01	1953	Comissão de Redação Temístocles Linhares Rosário F. Mansur Guérios Guillermo de la Cruz Coronado
02	1954	Rosário F.M.Guérios e Guillermo C. Coronado
03	abr. 1955	Mansur Guérios e Coronado
04	set. 1955	Mansur Guérios e Coronado
05/06	1956	Mansur Guérios e Coronado
07/08	1957	Mansur Guérios e Coronado
09	1958	Mansur Guérios e Coronado
10	1959	Mansur Guérios e Coronado
11	1960	Rosário F. Mansur Guérios
12	1961	Mansur Guérios
13	1964	Oswaldo Ams e Guillermo Coronado
14	1965	Oswaldo Ams e Guillermo Coronado
15	1966	Oswaldo Ams e Guillermo Coronado
16	1968	Oswaldo Ams
17	1969	Oswaldo Ams
18	1970	Oswaldo Ams
19	1971	Oswaldo Ams
20	1972	Temístocles Linhares
21/22	1973/1974	Temístocles Linhares
23	1975	Cecília Teixeira Oliveira Zokner
24	1975	Cecília Teixeira Oliveira Zokner
25	1976	Cecília Teixeira Oliveira Zokner
26	1977	Rosário F. Mansur Guérios
27	1978	Reinaldo Bossmann
28	1979	Reinaldo Bossmann
29	1980	Miguelina Soifer
30	1981	Miguelina Soifer
31	1982	Miguelina Soifer
32	1983	Oswaldo De Oliveira Portella
33	1984	Oswaldo De Oliveira Portella
34	1985	Oswaldo De Oliveira Portella
35	1986	Oswaldo De Oliveira Portella
36	1987	Édison José da Costa
37	1988	João Alfredo Dal Bello
38	1989	João Alfredo Dal Bello
39	1990	João Alfredo Dal Bello
40	1991	Marta Morais da Costa

O Círculo De Estudos Lingüísticos De Curitiba - Uma Breve Nota Sobre Um Movimento Pioneiro.

José Borges Neto - UFPR

No ano em que se comemoram os quarenta anos da revista LETRAS não poderíamos deixar de registrar os quarenta anos do surgimento do *Círculo de Estudos Lingüísticos de Curitiba*, entidade de vida curta e funcionamento irregular que, juntamente com a revista, testemunha a efervescência do pensamento lingüístico na Universidade do Paraná na década de cinquenta.

1. A fundação do Círculo.

Em 31 de outubro de 1953, realizou-se a reunião de fundação do *Círculo de Estudos Lingüísticos*. Havia doze pessoas presentes a esta primeira reunião: sete professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná (Oswaldo Pinheiro dos Reis, Reinhold Bossmann, Osvaldo Arns, Guillermo de la Cruz Coronado, Irmão Claro, Aryon Dall'Igna Rodrigues, Ladzislau Zawadzki); quatro estudantes (Edda Arzua, Ady Campollin, Serafina Borges do Amaral e Eloyr Blauck) e um convidado especial, o Prof. Francisco da Silveira Bueno, da USP.

A reunião foi presidida pelo Prof. Pinheiro dos Reis e secretariada por Serafina Borges do Amaral. A pauta da reunião foi integralmente ocupada por questões organizacionais, tendo ficado decidido que a finalidade do Círculo seria "o intercâmbio de idéias sobre lingüística em

geral, gramática, português, etc.”;¹ e que haveria o pagamento de uma pequena quantia em dinheiro pelos associados para a assinatura de revistas especializadas. Ficou decidido também que os alunos de Letras da Universidade do Paraná seriam convidados a participar.

Estabeleceu-se também, nesta primeira reunião, a dinâmica do Círculo: a cada sessão um associado - ou um convidado - apresentaria uma tese. Os presentes tomaram, ainda, uma decisão que poderia ter sido decisiva para a curta existência do Círculo: decidiu-se que o Círculo funcionaria “sem as formalidades de praxe, isto é, eleição de presidentes, secretários, etc. o que viria sempre a dar um certo cunho político ao Centro [sic], o que é sempre desagradável.”² Aprovou-se que “o Presidente será associado que tiver tese a apresentar durante uma sessão, e só por aquela sessão - isto é - o Presidente só o será por uma sessão.”³

2. O funcionamento do Círculo.

O Círculo realizou 14 sessões, entre outubro de 1953 e novembro de 1955, quatro das quais ainda no ano de 1953.

A segunda reunião do Círculo deu-se em 03 de novembro de 1953 e contou com 16 presentes, além do palestrante, Prof. Kurt Herbert Halbach, da Universidade de Tübingen, que falou “sobre seus estudos e pesquisas sobre a literatura cavalheiresca”.⁴ A terceira reunião ocorreu em 14 de novembro de 1953, contou com 11 presentes e consistiu numa palestra do Prof. Reinhold Bossmann sobre a Lei de Grimm. A quarta reunião realizou-se em 12 de dezembro de 1953 e consistiu numa palestra do Prof. Aryon Dall’Igna Rodrigues sobre “Terminologia Fonética” para os 8 presentes.

No ano de 1954, o Círculo reuniu-se sete vezes, sendo a primeira em 03 de abril e a última em 18 de setembro. Em 1955, realizaram-se mais três reuniões (em 15/10, 22/10 e 5/11), que foram as últimas. O número médio de participantes dessas reuniões foi de 23, sendo que a sessão de 22 de outubro de 1955 chegou a contar com 40 presentes (a média geral do número de participantes do Círculo nas 14 reuniões é de dezessete).

1 Ata da primeira reunião do Círculo de Estudos Lingüísticos - 31/10/53.

2 Ata da primeira reunião do Círculo de Estudos Lingüísticos - 31/10/53.

3 Ata da primeira reunião do Círculo de Estudos Lingüísticos - 31/10/53.

4 Ata da segunda reunião do Círculo de Estudos Lingüísticos - 03/11/53.

3. Os assuntos tratados pelo Círculo.

Com relação aos assuntos tratados nas 14 reuniões do Círculo, pode-se dizer que o Círculo não fazia justiça à lingüística que se praticava à época nas universidades européias e norte-americanas. A grande maioria das sessões tratou de assuntos ligados à Filosofia e à Lingüística Histórico-Comparativa.

As discussões mais interessantes, no entanto, não estão nas reuniões de apresentação de "teses", mas estão nas quatro reuniões em que se trataram de assuntos "organizacionais".

Na reunião de 15 de maio de 1954, por exemplo, discutiu-se a possibilidade de criação de uma "Secção de Pesquisas [sic] Lingüísticas", ligada ao Instituto de Pesquisas da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, dirigido, então pelo Prof. José Loureiro Fernandes. Não só a criação é aprovada como é aclamado pelos presentes, como Diretor dessa nova "Secção", o Prof. Rosário Farani Mansur Guérios. Essa decisão deixa claro o caráter acadêmico que começava a ser imprimido aos estudos lingüísticos na Universidade do Paraná, e ao Círculo, ultrapassando-se o caráter de "sarau" que o relato de algumas das sessões deixava transparecer.

Na reunião de 5 de junho de 1954, discute-se a proposta de um estreitamento de relações entre o Círculo e os professores de português dos cursos ginasiais e colegiais. Embora de forma ainda canhestra, a inter-relação entre os vários níveis do ensino começava a ser formulada. Creio ser interessante transcrever aqui um trecho da ata da sessão.

... o Prof. Pinheiro dos Reis apresenta dois artigos aparecidos no "O Estado do Paraná" em que se faz referências ao Círculo de Estudos, um do dia 27 e outro do dia 29 de maio, e que são de autoria de um antigo aluno do Colégio St^a Maria. Seria interessante que o Círculo se aproveitasse dessa publicidade para procurar o interesse dos professores de português, tanto dos cursos ginasiais como dos colegiais, para que entrem para o Círculo. Pede o professor [o professor articulista, presumo. JBN] que lhe seja enviada uma nota com informações sobre as conferências programadas, assunto, e conferencista, para que lhe seja possível mandá-la publicar em "O Dia" e o "Estado do Paraná". Pedir aos professores referências sobre bibliografia, deixá-las com a Secretária do Círculo, para consultas dos interessados.⁵

5 Ata da nona reunião do Círculo de Estudos Lingüísticos - 05/06/54.

4. A importância do Círculo.

Creio que caberia dizer aqui que a importância científica ou acadêmica das atividades do Círculo de Estudos Lingüísticos é praticamente nenhuma. O Círculo é importante na medida em que é uma das primeiras tentativas de organização da comunidade dos lingüistas, organização que só se vai conseguir, parcialmente, alguns anos depois com a criação da Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN), que não por acaso tem como seu primeiro presidente o Prof. Aryon Rodrigues, um dos fundadores do Círculo de Curitiba.

Para encerrar, gostaria de deixar aqui minha homenagem a SERAFINA BORGES DO AMARAL, secretária do Círculo desde a primeira reunião, pois, se não fosse a extrema clareza de suas atas, que descrevem circunstanciadamente as discussões ocorridas nas sessões do Círculo, não poderia, hoje, ter escrito esse pequeno texto que, com suas muitas limitações, busca lançar algumas luzes na história dos estudos lingüísticos no Brasil.

Curitiba, junho de 1993.

UNIVERSIDADE DO PARANÁ

LETRAS

REVISTA DOS CURSOS DE LETRÁS CLÁSSICAS,
NEOLATINAS E ANGLO-GERMANICAS DA FACULDADE
DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE
DO PARANÁ.

N.º 1

— CURITIBA —

1953

A MAGIA DA PALAVRA

R. F. MANSUR GUÉRIOS

Universidade do Paraná

Maravilha da Criação, a palavra é uma das mais singulares e extraordinárias dádivas com que Deus, o Verbo, brindou o homem, exalçando neste a semelhança com Ele ("Façamos o homem à nossa imagem e semelhança" — Gen., I, 26), facultando-lhe também criar o mundo do nada, como o fez nos primórdios mediante os miraculosos *Fiat...*!

Falar é pensar; falar é corporificar o espírito; falar é concretizar o pensamento; falar é criar; falar é dominar; falar é viver!

Assim, não é para admiração haja o homem, em todos os quadrantes da Terra, votado à palavra singular respeito ou então inquietante pavor, principalmente nas manifestações religiosas, porque ela demonstra a vontade do Ser ou de seres sobrenaturais, a que as criaturas devem sujeita obediência.

As Sagradas Escrituras estão cheias de vida e maravilhas manifestadas pelas palavras divinas ou dos profetas. E muito expressivo é o que se testemunha em S. Lucas (IV-33-35). Relacionaram os circunstantes, perplexos, o ato de Jesus, que desdemoninhou uma vítima, com os prodígios que atribuíam à palavra, em certas circunstâncias, independente, parece, da Divindade que a proferiu. Assim, os atônitos: — "*Quod est hoc verbum, quia in potestate et virtute imperat immundis spiritibus, et exeunt?*" (S. Lucas, IV-36). — "*Quod est hoc verbum?...*"

Com a palavra dirige-se o homem à Divindade ou aos deuses. Pede-se, suplica-se, agradece-se!

Com a palavra abençoa-se, amaldiçoa-se, satiriza-se, pragueja-se!

Com a palavra dominam-se as forças ocultas ou assenhoreiam-se delas!

Com a palavra curam-se as doenças, desfazem-se os malefícios e as pragas!

Com a palavra sagram-se as coisas e evitam-se as profanas!

Com a palavra respeitam-se, veneram-se, divinizam-se homens, cidades e coisas!

Com a palavra predizem-se os fatos vindouros!

Com a palavra perdem-se ou deparam-se as coisas!

Com a palavra tem-se o mundo nas mãos! (1)

* * *

Vejamos agora perfuntoriamente alguns exemplares dessas palavras ou frases ou rezas não propriamente religiosas, porém supersticiosas.

Visto que usos e costumes e instituições criam necessariamente uma terminologia pela qual se pode fazer uma idéia clara da vida de um povo, lancemos a vista para a nomenclatura da vida religiosa, p. ex., dos romanos, através das suas manifestações orais. É de qualquer modo um espelho das crenças símiles dos demais povos:

Invocare, evocare, invocatio, praefari, profari, effari (templum), fatum, fas (2), fastus, nefas, nefarius, nefandus, infas, infandum, orare, oraculum (3), adorare, dicere, benedicere (4), maledicere, dicare, dedicare (5), nuntiare, praenuntiare, etc.

As orações, fórmulas mágicas, ensalmos, encantamentos, etc., através de todos os tempos, entre os povos das mais diversas latitudes, podem manifestar-se com longas palavras ou

(1) Diz-se de Amon Ra: "Sua palavra é uma substância..." (Moret, "Mystères Egyptiens", Paris, 1922 (citado por M. Jousse).

(2) Opõe-se a jus, "direito humano". Fas personificou-se e divinizou-se.

(3) Primitivamente: "lugar onde se faz pedido (a deus)". Ver A. Ernout e A. Meillet, "Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine", Paris, 1951.

(4) Primitivamente: "pronunciar palavras de bom augúrio", como o seguinte lhe é o antônimo (Ernout e Meillet, DEL).

(5) "Consagrar aos deuses em termos solenes" (Id., ib.).

mesmo com uma única, e podem obedecer a requisitos ou exigências formais, externas, variadíssimas.

Entre os muçulmanos, pronunciar esta singela palavra — *agla* — voltado para o Oriente, possibilitava conhecer o futuro ou achar os objetos perdidos (6).

As vêzes, são mais eficazes as expressões gráficas (7). “Também é conhecida, afirma O. Jespersen, a grande importância mágica que em algumas partes se concede a palavras ou letras pintadas ou escritas de diferentes maneiras sobre diferentes objetos, as quais dão a quem traça, poder sobre pessoas ou coisas”.

A propósito, lembremos que os caracteres escritos, entre os povos primitivos, foram considerados mágicos, sagrados, de origem divina.

Não é sem motivo que as figuras, os desenhos do antigo Egito hajam sido denominados *hieroglyphiká grámmata* pelos Gregos (8).

As runas, caracteres da escritura dos povos nórdicos, eram provavelmente, assim chamadas pelo fato de que êsses povos

-
- (6) Numa fórmula de evocação aos espiritos, entre nomes gregos e hebraicos da Divindade, depara-se com *Agla!* três vêzes em seguida (J. W. Scott; “Tratado de Magia Oculta”, S. Paulo, 1945, p. 46). Mas deve ser erro gráfico, porquanto numa oração “contra malefícios diabólicos” (J. Leite de Vasconcelos, “Opúsculos”, V, p. 542), iniciada igualmente com nomes estrangeiros de Deus, há *agla* (“sic”) e *agyo* (“sic”) que nada mais são do que o grego *hágios*, *-ia*, *ion*, “santo”.
- (7) “Se comprende por sí mismo que el fetichismo de la palabra no pudo más que ser alentado con el descubrimiento de la escritura, pues el follo ó un escrito perfectamente claro es siempre mucho más abaricable que un aliento fugaz. Por esto el amuleto, un trozo de papel en una cápsula, es un extendidísimo medio mágico, especialmente en los países del Islam”. (F. Mauthner, “Contribuciones à una Crítica del Lenguaje”, trad., Madri, 1911, p. 269).
- (8) A. Erman, “Die Hieroglyphen”, Berlim e Lipsia, 1932, p. 1. No entanto, há quem o explique por escrita “ininteligível”, misteriosa ou emblemática, em vista de os hieroglíficos, durante séculos, desafiamem tôdas as tentativas de decifrá-los (“Everyman’s Encyclopaedia”, 3ª. ed., 1951, s.v. *hieroglyphic*). Antenor Nascentes (“Dic. Etim. da L. Port.”, I) explica ou interpreta — “gravura feita pelos sacerdotes (egípcios)”, quando, na verdade, tal é reservado ao termo *hierático*.

lhes atribuíam poderes mágicos, misteriosos (9). Tal nome (nórdico antigo *run*) significava “mistério, *segrêdo*” (10). Porém, assevera O. Jespersen que “las runas fueron al principio más bien ensalmos que medios de comunicación”. E cita entre outras: “Aprende runas de falar para que ninguém trate de responder a ofensa com ódio”.

“Aprende runas de pensar, assim todos crerão
que és o mais agudo dos homens” (11).

Lembraremos, ainda, que se atribuía a Odin, divindade escandinávica, a invenção das runas, da poesia e da magia.

A respeito da “escritura” pascoense, ouçamos o que diz J. Imbelloni (12): “Los habitantes de Pascua que vivieron en la época brillante y constructiva de la isla tributaron a esos signos el mismo religioso respeto que en todo otro lugar acompaña a los vestigios de antiguas grafías, y todo lo que se nos ha transmitido sobre ello comprueba que una suerte de poder mágico se derramaba por su medio sobre la casta sacerdotal y la realeza”.

* * *

Atribuíam-se à voz *abracadabra* — expulsão dos espíritos maus e curas de doenças. Seus efeitos, contudo, manifestavam-se com as letras postadas em triângulo, de tal jeito que se podia ler essa palavra em todos os sentidos:

(9) “Everyman's Encyclopaedia”, s.v. *runes*.

(10) W. W. Skeat, “A Concise Etymological Dict. of the English Language”, Oxforde, 1924; E. Wasserzleher, “Woher? — Ableit. Wörterb. der deut. Sprache”, Berlim e Bona, 9.^a ed., 1935; Kluge — Götze, “Etym. Wörterb. der deut. Sprache”, Berlim, 15.^a ed., 1951.

(11) “Humanidad, Nación, Individuo”, trad., B. Aires, 1947, p. 219-220.

(12) “Las ‘Tabletas Parlantes’ de Pascua” in “Runa”, v. IV, B. Aires, 1951, p. 166.

ABRACADABRA
ABRACADABR
ABRAÇADAB
ABRACADA
ABRACAD
ABRACA
ABRAC
ABRA
ABR
AB
A

Há outra disposição mágica (13):

A B A C A D A B A R A
B A C A D A B A R
A C A D A B A
C A D A B
A D A
D

Como amuleto, era escrito em objeto que se atava ao pescoço. Por não nos interessarem, deixamos de lado outros usos supersticiosos do escrito abracadabra.

Segundo Bloch, citado por Augusto Magne (14), êsse nome provém, “de um modo obscuro”, de *abraxas*, *abrásax* (15) — “palavra cabalística grega, muito freqüente em pedras que serviam de amuletos a adeptos do gnóstico Basilides, séc. II”, pois assim chamavam a Divindade e que, no entanto, segundo S. Jerônimo e outros, era o nome místico de Mitra.

(13) Brewton Berry, “Você e Suas Superstições”, trad., S. Paulo, 1945, p. 294. Comparando-se a palavra mágica desta obra com a outra, de maior difusão, inclinamo-nos a ver aqui uma deturpação; há falta de um *r* e acréscimo de um *a*.

(14) “Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa”, I, Rio, 1950, s.v. *abraxas*.

(15) Além destas formas, há ainda *abraeax* (v. “Dic. e Encicl. Intern.”). É possível que tôdas tenham sido deformações voluntárias de um só nome, em obediência também à disposição variável nas letras para os efeitos desejados, embora não escritas. Cp. *abraxas* = *abra-os-as*; *abraxax* = *abra-sa-cs*; *abracax* = *abra-ca-ca*.

Há outras fórmulas escritas que também costumam aparecer com as letras em ordem a possibilitar a leitura por qualquer lado:

S A T O R
A R E P O
T E N E T
O P E R A
R O T A S

Tal se acha, p. ex., num manuscrito do séc. XVII, da Biblioteca Nacional de Lisboa. Consta que é eficaz contra bruxedos, quando recitada à direita e às avessas. Em outros países há essas e outras virtudes com variadas exigências: Em regiões da Suíça, proferida cinco vêzes, desaparecem as dores de dente; pronunciada e escrita, protege-se o indivíduo contra ladrões (11).

Há diferentes interpretações. Acolhe Artur Resende no seu dicionário uma explicação jocosa — “emblema da diligência e preguiça”: “Sator (o agricultor) tenet opera (cuida da lavoura); a[d]repo rotas (e eu passeio de carro)” (16).

No entanto, J. Leite de Vasconcelos (17) diz que lhe parece definitiva a seguinte — *Sat orare potenter et operare ratio tua sit* — que, afinal, não passa de paráfrase ao lema de origem monacal — *Ora et labora!*

Simile é esta fórmula que o mesmo L. de Vasconcelos insere no v. V dos “Opúsculos”, p. 545. Diz-se que foi composta pelo demônio, e pode ser lida com as letras às avessas:

*Signa te signa te, me tangis et angis
Roma tibi subito, motibus ibit amor.*

Há, contudo, fórmulas e orações que não se lhes descobre o sentido. P. ex., para esquecer alguém, entre várias exigências, lançam-se em rio ou lago três flores, dizendo, em voz baixa, ao atirar a primeira: *On Alan Apell Sar Jani Sem*; ao lançar a segunda: *On Uquir, Sitrofme Sem*; e, por fim, *Uetle Nsíp Jego Mal! Ave Anox Otson Naroe Jam Sem* (18).

(16) “Frases e Curiosidades Latinas”, 3ª ed., Rio, 1936, p. 708.

(17) “Opúsculos”, V, p. 542 a 548.

(18) J. W. Scott, “Tratado de Magia Oculta”, p. 68.

Na Ilha Terceira, Açôres, há uma reza, entremeada de per-signações, para desenfetiçar, constante destas misteriosas ex-pressões: *Corunguena + santa cruz + mechiconto + jéque + demenada + domenatada + subistisanto* (19).

Pode ser que haja propósito no uso de vocábulos inventa-dos, forjados ou deformados, os quais ficam sendo estoglossias (20). Mas anote-se que o filósofo grego Jâmblico, nos seus "Mis-térios Egípcios" (*De Mysteriis*), em que considerava de grande relêvo os mistérios, e, pelos ritos secretos, o homem podia rela-cionar-se com a divindade, recomendava que, nas fórmulas má-gicas, não se empregassem têrmos vernáculos, mas bárbaros, que tais eram "revelados" pelos deuses (21). Como exemplo, sirva a frase etrusca *arseverse*, que se escrevia nas portas das casas romanas, equivalente à latina *averte ignem!* "afasta o fogo!" (ou talvez *averte, ignis!*). Era preservativo contra incên-dio. Ver Leite de Vasconcelos ("*Opúsculo*", V, p. 553), o qual diz: "O uso de letras e palavras, principalmente em língua des-conhecida, para revelarem mais mistério, é igualmente muito antigo". Registra essa locução o "*Dic. Lat.-Port.*" de Saraiva Será que a frase equivalente latina é a tradução da etrusca? Ou se trata de "etimologia popular": *arse* lembraria as formas do pretérito de *ardere* e *verse* coincidiria fortuitamente com *avértere*? De qualquer modo, não deixa de ser uma impreca-ção.

Há inscrições mágicas da Gália, em que se misturam ex-pressões gaulesas, gregas e latinas (22). Pode ser que tais mis-turas sejam propositadas, assim como propositados os expe-dientes de outras fórmulas. O mesmo A. cita outra inscrição mágica dos gauleses num alfabeto intermediário entre o grego e o etrusco, e apenas uma palavra apresenta aspecto céltico. E há outras que, embora mostrando alguns vocábulos latinos, os

(19) L. S. Ribeiro, "Notas de Etnografia da Ilha Terceira" in "*Rev. Lusitana*", 32, 1934, p. 253.

(20) A respeito de expressões destituídas de significado, v. Rodolfo Senet — "*Las Estoglossias*", Madri, 1911.

(21) A. Carnoy, "*La Science du Mot*", Lovaina, 1927, p. 380.

(22) G. Dottin, "*La Langue Gauloise*", Paris, 1920, p. 43 e 43-44.

demais resistem à identificação com qualquer língua conhecida.

Mas, tenha-se presente que tais singularidades não eram privativas das inscrições mágicas.

Que tais singularidades são universais, ouçamos a Carlos Navarro y Lamarca a propósito dos indígenas da América: "Entre los americanos, tenían ciertas palabras un poder mágico y misterioso al que obedecían los espíritus. La maldición mataba como una maza. Cuando el hechicero indígena "concentraba su medicina" y lanzaba un anatema vibrante, no había salvación para su enemigo. Las fórmulas mágicas, cantos, encantos y conjuros del ritual indígena, eran casi siempre una sucesión de palabras ó sílabas sin sentido alguno. Se suponía que los Dioses entendían lo que no alcanzaban los hombres" (23).

As vèzes as expressões enigmáticas são o resultado de pronúncia ou escrita defeituosa. Numa fórmula para afugentar ratos — *Spitium salutis Sgavidanis* (24) — tôdas com terminações latinas, enquanto se identifica a segunda dição, nada se sabe quanto à terceira (nome próprio talvez), e a primeira mal dará para cotejar com *stipes*, *stipitis*, "tronco, estaca, árvore" ou com *stips*, *stipis*, "moeda; proveito, lucro". Enquanto se preferem essas palavras, rega-se a casa com infusão de rosas e um jasmim.

Para não ser picado pelas pulgas, deve-se dizer *ock seis vèzes seguidas* (25). A palavra parece um eco do alemão dialetal *vloch*, "pulga", ou do inglês *bug*, "percevejo", como que, com o seu nome, se esconjurasse o impertinente ou o nojento inseto (26).

(23) "Compendio de la Historia General de América", B. Aires, 1910, p. 173.

(24) J. W. Scott, "Tratado de Magia Oculta", p. 65.

(25) Idem, ibidem, p. 66.

(26) Leia-se o curioso estudo etimológico de *percevejo* por Leo Spitzer em "Anales del Instituto de Lingüística", Univ. de Cuyo, Mendoza, 1942, t. I, p. 38 e segs.

Tais *sevandijas* são considerados seres demoníacos, como comprova o ingl. *bug* que, primitivamente, significava "espectro" (cf. irlandês

Num livro português, de 1833, que condena as superstições, registra-se que o dizer três vèzes *onasages* cura o mal dos dentes, e que proferir — *sista, pista, rista, xista* — evita o mal da gôta (27). Como esta, é curioso notar que muitas fórmulas são rimadas: “Os curandeiros benzedores usam ensalmos de palavras desconexas, com rimas consoantes (de *balanço* e *manso*, *postila* e *Santa Camila*)...” (28).

A propósito da colocação das palavras, convém lembrar a antiqüíssima poesia sacra, o “*Carmen Arvale*”, datada de 218 d.C., gravada em mármore, descoberta em Roma, no Vaticano. É o protocolo dos doze irmãos arvais, sacerdotes de Ceres, instituídos pelo primeiro rei de Roma. Nela há perfeita identidade entre o número de sílabas e o número das palavras, de correspondência horizontal e vertical, de aliteração, de assonância, de igualdade de forma e de fundo (29). *Ei-la* (30):

Enos Lases iuvate
[E]nos Lases iuvate
Enos Lases iuvate

bocan, “fantasma”), e, para a sua eliminação, proferem-se esconjurações, nas vésperas de dias festivos e principalmente da Páscoa.

Afirma Spitzer que, certamente, por causa do sentido de *Belsebu*, “senhor das moscas”, Goethe, no “*Fausto*”, faz *Mefistófeles* chamar-se a si próprio, além de *FHegengott*,

“*Der Herr der Ratten und der Mäuse,
Der Fliegen, Frösche, Wanzen, Läuse*” (I, v. 1516).

(27) “*Rev. Lus.*”, v. 20, 1917, p. 272.

(28) *Luis Chaves*, “*A Grei Portuguesa*” In “*Rev. Lus.*”, v. 28, 1930, p. 75.

(29) *Jean Cousin*, “*Evolution et Structure de la Langue Latine*”, Paris, 1944, p. 147.

(30) *Segundo A. Ernout*, “*Recueil de Textes Latins Archaïques*”, Paris, 1938, p. 107. Este A. declara que o texto foi muito corrompido, renovado, desfigurado por vários defeitos, o que lhe dificulta a interpretação. Contudo apresenta algumas observações: *Enos* = *nos*? ou *enom*, “*tum? Lases* = *Lares*; *neve lue rue* = *neve luem ruem*; *ruem* = *ruinam*? *Marmar* = *Marmor*, forma redobrada de *Mars*; *sins incurrere* = *sin sin currere*?, i. é, *sin*, imperativo de *sino*? *in pleores* = *in plures*? *fer* = *voc. de ferus*? *fu* corradical de *fui*, etc? *Semunis* = *Semones*?, divindade das sementes; *conctos* = *cunctus*? ou “*quisque*”? *triumpe* = espécie de exclamação triunfal.

Neve luee rue Marmar, sinas incurrere in pleoris,
Neve lue rue Marmar [m]as incurrere in pleoris,
Neve lue rue Marmar sers incurrere in pleoris.
Satar furee Mars, lumen [sal]i, sta berber,
Satar fu, fere Mars, lumen sal, sta berber.
Satar fu, fere Mars, lumen sa[l]i, s[t]a berber.
[Sem]unis alternel advocapit conctos,
Semunis alternel advocapit conctos
Simunis altern[el] advocapit [conet]os.
Enos Marmor juvato,
enos Marmor juvato.
Triumpe triumpe triumpe trium[pe tri]jumpe.

Apesar das apuradas investigações, tem este canto resistido a qualquer tradução. Tal se explica pela natureza do assunto. Trata-se de oração de caráter esotérico, misterioso, cuja composição, embora proferida conscientemente, em tempos ulteriores já não mais se apreendia o sentido das suas palavras, pelo menos em parte. A oração tinha eficácia mais pelo ato de proferi-la do que pelo seu significado. A sua linguagem, é sabido, não condiz com a das inscrições ou textos da mesma época. Também se pode admitir a hipótese de haverem propositadamente mal desfigurado as palavras ou a sua colocação, etc., uma vez que a oração era gravada, e, pelo quê, mais ou menos exposta a olhares profanos, embora colocada em recinto privado (31).

É possível que, ao lado de expressões correntes, enxertas-

Foram propostas diversas traduções. Ernout acha que "tout ceci est très aventureux".

César Cantu no v. III da "História Universal", trad. de Antônio Ennes, apresenta esta tradução: "Nos, Lares, juvate! Ne lueu, ruem (ou ruinam), Mamers, sinas incurrere in plures! Satur esto, fere Mars! In lumen inall! Sta! Verbera (lumen?) — Semones alternel, advocate cunctus! Nos, Mamere, juvato! Tripudia!"

- (31) Já na mais afastada antiguidade se procedia à ocultação de pictografias aos olhares profanos: "Les peintures de nos cavernes sont parfois situées dans des recoins ou sur des anfractuosités de rochers peu accessibles: on a supposé qu'elles ont été tracées dans ces endroits parce qu'elles auraient été interdites (tabous) aux femmes, aux enfants et, d'une manière générale, aux non-initiés" (Jacques de Morgan, "L'Humanité Préhistorique", Paris, 1924, p. 246).

sem deliberadamente outras, dialetais, justamente para encobrir ou semi-encobrir o pensamento.

Propositada obscuridade possuem os **gatás do Avesta**, afirma Meillet: "Se os gatás do Avesta são mais que ininteligíveis, é que os autores os fizeram deliberadamente de modo que as combinações de palavras não foram naturais... Os hinos védicos e a canção dos irmãos arvais de Roma também são obscuros adrede..." (32).

O caso é que, frequentemente, em tôdas as latitudes, em tôdas as coletividades primitivas, suas orações e seus cantos mágicos, se não foram compostos em linguagem esotérica, vieram a ficar assim, intraduzíveis, pelo tradicionalismo supersticioso.

Em vista de as palavras sagradas nos rituais deverem não ser modificadas e, sim, repetidas integralmente ou sempre de um mesmo modo, às vêzes até nas mínimas particularidades, porque, para êles, a eficácia dessas rezas ou invocações dependem justamente dessa observância tradicional, aconteceu que, através dos séculos, suas palavras, não seguindo a evolução das demais nos usos profanos, permaneceram estáveis a ponto de serem ininteligíveis às novas gerações(33).

Em trabalho de campo que realizei entre os **indígenas caingangues de Palmas, Paraná**, registrei uma oração aos mortos e uma cantiga para dança, cujas letras são intraduzíveis. Apenas uma que outra palavra pode ser entendida (34). Antes de mim, com os mesmos silvícolas, o prof. Herbert Baldus (35) recolheu, sem que o informante pudesse traduzir, uma oração destinada aos falecidos e um canto de dança para a festa dos mortos (36).

(32) Citado por O. Jespersen, "Humanidad, Nación, Individuo", p. 236-237.

(33) Com respeito aos Romanos e aos Gregos, v. Fustel de Coulanges, "A Cidade Antiga", v. I, 2.^a ed., 1920, p. 266-267 e nota 1.

(34) R. F. Mansur Guérios, "Estudos sobre a Língua Caingangue" in "Arquivos do Museu Paranaense", v. II, Curitiba, 1942, p. 152-153, e, na separata, p. 58-59.

(35) Herbert Baldus, "Sprachproben des Kaingang von Palmas", sep. de "Anthropos", t. 33, 1935, p. 202.

(36) Para se ter idéia de como usamos arcaísmos em orações, lembremos, em port., **padre** (= "pai") na reza dominical **padre-nosso** e nas lo-

Karl Bücher, citado por Jespersen (37), estudando a origem da poesia, menciona os ilheus de Andamã que sacrificam ao ritmo as palavras da prosa, mudando-a ou abreviando-as de tal modo que quase pode dizer-se têm uma especial linguagem poética, e é de opinião que o ritmo das canções dos povos primitivos não era regido pela linguagem, mas, sim, pelo ritmo do trabalho de que se ocupavam, enquanto cantavam. E cada classe de trabalho tem um compasso e éste é o que determina o ritmo da canção acompanhante (38).

A não observância à letra poderá acarretar desgraças, mesmo em assunto não religioso.

P. ex., os achantis, africanos da costa ocidental, têm cantores profissionais que narram, em melodias especiais, os grandes feitos de seus reis, mas evitam o perigo de mutilar-lhe ou corromper-lhe cada palavra, cada frase, porque, admitido o trovador na casta, desde então é punido de morte pelo menor erro no texto ou na notação (39).

cuções Padre Eterno, Eterno Padre, Santo Padre, e madre (= "mãe") em Santa Madre Igreja.

Os protestantes evitam a expressão padre, certamente porque designa, na linguagem corrente, o sacerdote católico. Substituem-na por pai — "Pai nosso que estás nos céus...", que, afinal, é também empregada pelos católicos.

(37) "Humanidad, Nación, Individuo", p. 240 e 241.

(38) Esta explicação se aproxima do clamor concomitans, hipótese da origem da linguagem, "d'après laquelle la parole serait née des cris qui, chez les primitifs, accompagnent tout travail en commun" (A. Bricteux, "Essai sur l'Origine du Langage", Seraing, s/d, p. 10).

(39) Marcel Jousse, "Études de Psychologie Linguistique", Paris, 1925, p. 169. Não resta dúvida que, em tal condição, fica intacta a linguagem. Havia passado, diz o A., mais de 800 anos sem que essa narração apresentasse modificação! "Claro es, fala a propósito Jespersen, claro es que las mutaciones del lenguaje se sustraen en gran medida a la vigilancia humana y por esta razón ocurre que, sin que los nativos se den cuenta, su lenguaje se va modificando poco a poco con el uso diario y su transmisión a las nuevas generaciones. Pero en el grado que pueden, tratan rigurosamente de que nada cambie (salvo los casos en que la creencia en el poder místico del nombre exige la adopción de nuevas palabras), manteniéndose la vigilancia más escrupulosa para que no se produzca alteración alguna en las formas sagradas del culto religioso

A propósito das exteriorizações símeles dos indígenas americanos, afirma Carlos Navarro y Lamarca: “Algunos cantos no tenían letra. En otros era esencialísimo el pronunciar exactamente las palabras consagradas. Cualquiera equivocación al respecto, destruía, según el indio, el mágico conjuro, y podía producir consecuencias funestas. El canto era, en fin, un vehículo para llegar a los seres invisibles” (40).

Vimos que rezas, fórmulas mágicas, poesias religiosas, etc., obedecem a determinada colocação das palavras, mas há outras cujo número de sílabas e de vocábulo, aliteração e assonância são outros tantos requisitos formais. Acrescente-se ainda que, como se disse, a rima desempenha papel importante, como neste exemplo de Varrão: Terra pestem teneto, salus híc maneto! (41).

E entre os romanos muitas fórmulas de juramento, de invocação, de oração, eram expressadas por frases de três membros (trikólon), provávelmente por se atribuir poder mágico à trindade (42). Há exemplos no “carmen arvale”.

A entoação era outra exigência, talvez indispensável. A propósito de um trecho de uma das epístolas de Horácio (I, 34-35) — “Sunt verba et voces quibus hunc lenire dolorem

Possis et magnam morbi deponere partem” — Leite de Vasconcelos chama a atenção para verba, que “significa “ensalmo” ou “fórmula mágica”, e voces [que] designa o tom musical da recitação”. (43).

y los himnos ceremoniales. A este vigilante cuidado sobre los sonidos tradicionales de las viejas palabras se debe que los antiguos himnos védicos de la India hayan sido conservados con tal fidelidad que conocemos sus formas y su pronunciación hasta el detalle más pequeño”. (O. Jespersen, “Humanidad, Nación, Individuo”, p. 233).

(40) “Compendio de la Historia General de America”, p. 147.

(41) J. Cousin, “Évolution et Structure de la Langue Latine”, p. 149.

(42) Idem, *ibidem*, p. 156-157.

(43) “Miscelânea” in “Rev. Lus.”, 20, 1917, p. 165. Cita aí notas de duas edições de Horácio, assim como o “Corpus Inscriptionum Latinarum”; Marquardt, “Le Culte chez les Romains”; e Helm, “Incantamenta Magica Graeca Latina”, Lipsia, 1902.

Como as fórmulas mágicas eram freqüentemente ritmadas, tinham o nome de *carmina*. Cf. *carmen arvale*.

A importância da magia através do canto é denunciada pelos termos *canere* (44), *excantare*, *incantare*, *incantatio*, *incantamentum*, *praecinare*, *occinare* (entre os romanos).

Como o *vates*, “adivinhador, profeta”, manifestava os oráculos (*vaticinia*) através de ritmos, passou *vates* a significar “poeta” (45). O verbo correspondente é *vaticinari*.

No port. são continuadores com idéias de magia — *encantar* e *encantamento*, *vaticinar* e *vaticínio*.

Também entre os celtas, o canto servia para fins mágicos (46).

Por outro lado, os poetas da antiga Irlanda se confundiam com os magos, cujas sátiras, chamadas também encantamentos, eram tremendas maldições — tôda uma região poderia ficar estéril por um ano; faziam aparecer chagas que desfiguravam as vítimas, levando-as ao desespero; chegava-se até a causar-lhes a morte. Nem os animais escapavam (47). Nas guerras, o concurso de muitos poetas satíricos multiplicava o efeito dos seus encantamentos para dar a vitória aos seus patricios.

A rivalidade entre os bardos muitas vêzes se resolvia com um debate, luta de poder entre mágicos.

Eram todos temidos; não resta dúvida. E mais de uma vez

(44) “C'est un terme de la langue augurale et magique, dont les formules sont des mélées rythmées” (Ernout e Meillet, “Dict. Etym. de La Langue Lat.”, s.v. *cano*). Ver A. J. Fernandes de Carvalho, “Dicionário das Instituições, Usos e Costumes dos Romanos”, Braga, 1904, p. 174.

(45) Id., *ib.*, s.v. *vates*.

(46) “Lorsque deux armées étaient sur le point d'engager la bataille, il arrivait souvent que les druides et les bardes s'avancèrent entre les deux armées, et, par la magie de leurs chants, leur faisaient tomber les armes des mains” (Georges Dottin, “Les Littératures Celtiques”, Paris, 1924, p. 128).

(47) “Longtemps encore, les bardes irlandais gardèrent la réputation de détruire par leurs incantations les rats e les souris”. (Id., *ib.*, p. 146).

os reis da Irlanda tentaram bani-los, por causa do seu número (48), indisciplina e exigências.

Pelo que se vê, para os homens, principalmente os primitivos, há conexão íntima, quase ou mesmo mágica, entre a palavra e a coisa por ela designada. A palavra não é sinal cômodo para denotar objeto, ato ou fato, porém é a sua mesma substância, a sua própria alma, e, portanto, imutável.

Não é, pois, de admirar que conhecer as coisas pelo nome é tê-las em seu poder e tê-las em poder é dar-lhes um destino bom ou mau. E se elas tiverem virtudes malélicas, ou benéficas, neutralizar-se-lhes-ão, ou aproveitar-se-lhes-ão os efeitos.

— “Ó febre, exconjuravam os curandeiros do Atharda-Veda, tu não me escaparás; eu te conheço pelo nome!”

Até entre os civilizados, conhecer o nome de uma doença, esta parece dominada a meio. Há doentes que se sugestionam pelas palavras inusitadas, difíceis, que tais são os têrmos técnicos proferidos pelo médico, os quais comportam certa precisão, inobservada nos têrmos comuns, correntes. Entre as crianças observa-se fato análogo. Não ficarão satisfeitas, enquanto não souberem o nome das coisas: “El niño considera los nombres como realidades objetivas ligadas misteriosamente a los cosas y en cierta manera esenciales a ellas. Un objeto sin nombre es para el niño algo incompleto, casi inexistente, imaginario” e “la tendencia infantil es “materializar” el nombre; esto es, considerarlo como parte de la cosa real misma en lugar de como algo extraño y arbitrariamente enlazado a ella” (49).

* * *

Até aqui tratamos superficialmente das palavras que podem ou devem ser proferidas. Há, no entretanto, palavras que não podem ou não devem ser proferidas e às quais reservamos o próximo trabalho — são os tabus lingüísticos (50).

(48) No tempo do rei Maicoba, de Ulster, contavam-se 1.200 magos-satiristas (Id., ib., p. 143).

(49) Citação em O. Jespersen, “Humanidad, Nación, Individuo”, p. 215.

(50) Em 1941, publicamos uma brevíssima visão — “Tabus Lingüísticos” — no vol. I dos “Arquivos do Museu Paranaense” (p. 149 a 160).

ÍNDICE

	Pág.
"LETRAS" — Homero Batista de Barros	3
GÊNEROS POÉTICOS — Temístocles Linhares	5
PAPINI — Luís Castagnola	28
INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO SIMBOLISMO — Wilson Martins	42
ANGEL GABRIEL — Guillermo de la Cruz-Coronado	68
ZUR DEUTSCH-BRASILIANISCHEN MISCHSPRACHE — Reinhold Bossmann	96
DA SOLEDAD CASTELHANA A SAUDADE PORTU- GUÊSA — Silveira Bueno	115
MORFOLOGIA DO VERBO TUPI — Arion Dall'igna Rodrigues	121
PROPOSITAL E PROPOSITALMENTE — José de Sá Nunes	153
A MAGIA DA PALAVRA — R. F. Mansur Guérios	168
UM INQUERITO LINGUÍSTICO POR DENTRO — Oswaldo Pinheiro dos Reis	183
NOTAS DE BIBLIOGRAFIA E DE CRÍTICA	190
NOTICIÁRIO	196